



O COLEGIAL

Lá vem.
Passo rápido, corpo derreado para o lado em que sustenta pesado cartão atulhado de livros e cadernos. Calças amarfanhadas e com joelheiras esbranquiçadas. A roupa, curta e mal ajustada, lembra um dono menor ou, época que já vai distante.

É o tipo clássico de nosso estudante secundário, de família mediana.

Vejamo-lo mais de perto. Ei-lo que passa.

Tem as faces pálidas, as maçãs do rosto algo saltadas e uma molçura negra rodeando-lhe os olhos de um brilho ágil e vivo.

Um prenúncio de ruga (muitas lhe hão de canalizar a fronte, mais tarde) se pode observar-lhe. Talvez seja a preocupação de uma lição mais difícil que não conseguirá aprender perfeitamente. Ou, quem sabe, vai pensando no vexame que passara, ao ter de repetir em aula os ensaios de aula anterior e estes terem-lhe fugido (e os sabia tão bem!) da cabeça, que nem mercúrio escapulindo de mãos que o querem segurar firmemente.

No olhar, entretanto, há um quê de diferente que se nota à observação mais atenta e que revela algo de profético: a esperança. Esperança que é quasi certeza, quasi fé. Esperança de poder alcançar boas notas e passar de ano.

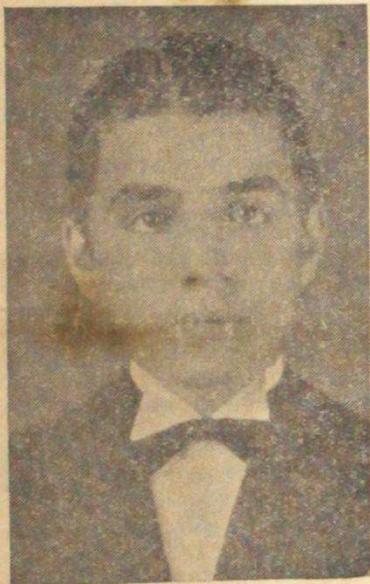
Esperança de concluir bem todo o curso e adquirir uma posição que, julga lhe dê maior estabilidade na vida. Esperança de ser alguém no cenário do mundo.

E ei-lo que passou. Lá vai. Sapatos cambaios e esbranquiçados pelo uso e pela falta de polimento. Busto meio arcado, pela constante posição forçada de estudo.

É uma figura pouco simpática (para não dizer antipática).

Mas (o inevitável "mas"), quem conhece o futuro? Parece que além das cartomantes, buenadichas dos grafólogos e de uns raros profetas, muito pouca gente.

Por umas cartas, uma bola de cristal, a mão aberta ou uma visão rápida, talvez se possa ver as grandes reviravoltas que a vida dá. Lá se foi a minha mocidade. Di-



À saudosa memória
do ex-aluno
LUIZ GONZAGA MEDEIROS
Estudante de Medicina
na Faculdade de S. Paulo,
prematura e tragicamente
falecido no dia 23-3-1948
em S. Paulo

zer que estou velho, seria exagero evidente: estou apenas maltratado. Lá vi muita coisa e conheci muita gente.

Mas quem que ali está? A cara não me é estranha. Gordo, bem vestido, parece respirar prosperidade e prestígio (quando ele ri todos quantos o cercam também riem).

Os que passam por ele tiram-lhe o chapéu e fazem-lhe um salameleque.

Que belo automóvel oh em que embarca! Último tipo!

Recordei-me agora: é o antigo colegial! Mas como mudou!

É o mesmo que conheci de sapatos tortos, calças sevadas, faces murchas e costas em arco.

"C'este la vie", como diria o filósofo.

Gilberto

Nos Caminhos Do Herói Inconfidente

Tudo estava previamente combinado para o levante. O pretexto seria o dia da derrama, a cobrança de todos os impostos atrasados que, diga-se de passagem, eram fabulosos nada mais, nada menos que 700 arrobas de ouro, o que importava na metade de todo o ouro que circulava em Minas. A Conspiração colimava a suspensão da cobrança dos impostos atrasados de ouro, assim como a cobrança de futuros impostos. Pretendiam os conspiradores fundar uma universidade e diversas fábricas, futurizando um Brasil industrial. A bandeira — pretendia Tiradentes que contivesse um triângulo, simbolizador da Trindade suprema a cuja contemplação seu alado pensamento tão de cistão como de patriota se familiarizavam. "Libertas quae sera tamen" quis acrescentar o entusiasmo dos demais conjurados.

No dia da "derrama", isto é, da cobrança do ouro, percorreriam os conspiradores a cidade, aos gritos de "viva a Liberdade".

O governador seria preso e enviado a Portugal com este bilhete! Minas Gerais sabe governar-se por si mesma.

A ingenuidade, entretanto, dos patriotas —, ao fazerem discursos em plena praça pública, sem saberem que o governador estava bastante alerta, — perdeu o êxito de seus esforços.

Alertado pelo traidor Silvério dos Reis, suspendeu a derrama do ouro, cortando pela raiz o grande pretexto da conspiração.

Tiradentes e seus companheiros são presos e conduzidos à prestação de contas.

A bravura do oficial de cavalaria José Joaquim da Silva Xavier fizeram-no declarar para si toda a responsabilidade, afim de assim salvar a vida dos companheiros, condenados a degredo perpétuo na África. Condenado à forca, fim-de ser vir de exemplo a quaisquer conspiradores. Esquartejado foi seu corpo, espalhando-se as porções pelos diversos locais em que tinham os conspiradores feito suas assembleias e conclamações. Arrazou-se sua casa, salgando-se o ter-

reno onde estivera, para que o próprio capim nele não crescesse mais.

Todos os seus bens foram confiscados assim como os de seus filhos, declarados os filhos e netos "infames" para sempre.

Eis afincada num poste a cabeça do protomartir de nossa inde-



pendência. Eis sua execução, a que comparecem todos, vestidos na mais alta gala, como para uma grande festa. Canta-se um Te-Deum em ação de graças.

Joaquim Silvério dos Reis, o Judas brasileiro, teve seu merecido castigo. Os brasileiros o desprezaram como se despreza a um cão. Ninguém mais lhe falava. Desesperado de tal viver, fuge ao Maranhão, onde também não consegue paz. Traira para conseguir vantagens pessoais — de dinheiro e de perdão de dívidas que tinha. No Maranhão, pediu auxílio a D. João VI, para sustentar contra a miséria s/mulher e duas filhas; rondou-o para sempre a miséria, o castigo de uma traição ambiciosa. Não foi, por D. João VI, atendido Silvério dos Reis.

A Justiça, embora, tardando, não lhe falhou, assim como a liberdade de Tiradentes, embora tardia, sorria para sua Pátria — não a 21 de Abril mais a 7 de Setembro. Libertas quae sera tamen...

**Quem não sabe ler e escrever:
Não pode sentir-se seguro de si diante dos letrados.**

O PANAMERICANISMO

Um novo período iniciava para a história, quando há 456 anos aportou em São Salvador, Cristóvão Colombo. Um novo mundo surgia e com ele, as esperanças dos povos de um velho mundo; tempos passaram, o número de aventureiros e colonizadores crescia e estes colonos com os habitantes primitivos, fundaram um novo povo, uma nova etnia no continente recém-descoberto: franceses se estabeleceram no norte, onde se achavam os ingleses, os espanhóis se fixaram na parte central e no sul, a maior parte do hemisfério austral banhado pelo Atlântico, foi ocupado pelos portugueses.

Quando já a etnia de um povo estava formada, começaram a surgir idéias de independência e de libertação: a América começou a viver num estado de inquietação e cheio de novas ideologias políticas, são numerosos os rebelliões coloniais (uns libertadores, outros econômicos). Haja visto, aqui no Brasil, Beckman no Maranhão, Emboabas em Minas, Mascates em Pernambuco e a Inconfidência Mineira, na qual a independência dos Estados Unidos teve uma grande influência.

Outros países americanos, também tiveram suas revoluções e o espírito de nacionalidade aumentava ainda mais, quando as colônias eram atacadas, invadidas pelos soldados das respectivas metrópoles. Estes ataques só uniam mais os laços espirituais entre os defensores de suas colônias, provocando assim, um verdadeiro amor à terra e despertando nos nativos, o desejo de serem livres do Velho Continente.

A independência nos vinte e um países americanos já era uma realidade, quando Simon Bolivar prestou mais um serviço à causa americana, no Primeiro Congresso de Estados da América; neste Congresso, previu o Libertador, a necessidade de uma cooperação, unidade e compreensão entre os povos do nosso continente. Para as diferentes questões que surgissem: de território ou de limites, deveria haver uma união entre os Estados, afim de que todas as dificuldades pudessem ser resolvidas pacificamente, sem ocasionar guerras; o desenvolvimento cultural e científico entre os diversos países, também era uma necessidade. Foram esses, os princípios básicos para a criação de uma União Panamericana e em 1890 esta União surgiu para o bem da América. Várias conferências Inter-Americanas foram feitas em diversos países no decorrer dos anos, sempre que houvesse necessidade de tratar assuntos referentes à paz e à prosperidade do Novo Mundo e os povos americanos, desde cedo compreenderam que a força essencial para a sua existência é a unidade continental, que as suas tradições, suas línguas e os seus costumes não são obstáculos para essa união.

Dentro de suas fronteiras, cada país desenvolve sua própria personalidade sem que prejudique outras nações. Porém, a América não está livres de certos homens que alimentam em sua alma o desejo egoísta do poder e por isso, apesar da atitude de certos caudilhos, cegos pelo orgulho, que fecharam as fronteiras de seus países com barreiras artificiais e tentando desviar o curso democrático panamericanista, a América vem mantendo uma linha de conduta digna de um continente democrático e fiel às doutrinas das liberdades humanas. Os ideais democráticos, não constituem neste continente, privilégio deste ou daquele país; são patrimônios de todos, grandes ou pequenos... a extensão de um território não diminui



Fundação da A. S. I. A.
Fala o Diretor P. João Alfredo Rohr S. J.

O PEÃO DO REI

O Rei muçulmano Ali-Tamur prendera com seu poderoso exército 100 bandidos, que asaltavam os peregrinos do deserto e ainda não havia decidido a pena.

No dia seguinte à setima hora, estava ele jogando xadrez com seu 1º ministro, quando entra na sala um soldado que diz:

— Posso falar com sua magestade?

— Eperese — responde o rei. E ficou pensando como deveria jogar aquele peão que tinha na mão.

Depois de duas longas horas, ele meche com o peão e pergunta ao soldado:

— Que queres?

— Venho perguntar a vossa excelência se devo mandar matar os cem ladrões! Responde o guarda: O rei então vira-se e diz: "Mata-os a todos".

Ouvindo isto, o soldado faz uma cortezia ao peão e volta-se para ir embora, quando o Rei o interroga:

— Porque te humilhas diante do meu reião?

— Sômente porque para o mexerdes, pensastes duas horas e para matar 100 pessoas não pensastes nem um minuto. — Responde o guarda.

Compreendendo a sabia lição, o rei tódas as vezes que fosse decidir um caso, estudou-o bem, desde aí.

Armando Gonzaga, 2ª série A

o valor espiritual e material de um povo.

Todos que dizem; "Sou americano", quer pronunciem em inglês, espanhol, português ou francês, sentem um certo orgulho. Em 1942, a América foi ameaçada de uma guerra contra o totalitarismo e para defesa continental, foi realizada a Conferência do Rio de Janeiro; desta Conferência resultou declaração de guerra por 13 países e 8 romperam suas relações diplomáticas, para maior segurança americana. Hoje, infelizmente, a unidade continental acha-se em perigo. Numerosos são os agentes de doutrina "com rótulo pomposo, mas substância venenosa" que desejam destruir a União Panamericana; com base cristã e democrática para implantar o regime vermelho. Por este motivo, nunca é demais lembrar figuras proeminentes do território americano: Bolivar, Tiradentes, San Martin, Washington e tantos outros homens que souberam honrar o bom nome da América e mostrar ao mundo o que significa "ser americano".

J. A. Beirão

COMO DECIFRAR E FAZER CHARADAS OU CHARADEAR?

1º) — Para decifrarmos a charada novíssima, basta em primeiro lugar acharmos os sinônimos das palavras, que estiverem grifadas e cujo número de sílabas seja, respectivamente, igual ao indicado por algarismos correspondentes ao enigma.

Juntando-se estes sinônimos encontrados, formaremos uma palavra que será o sinônimo do conceito, que neste caso, será a solução exata e total da charada novíssima.

Ex.: A condenada está detida no açude.

Condenada com 1 sílaba — ré; detida 2 sílabas — presa. Ré mais presa será represa ou açude.

2º) — Para fazermos uma charada novíssima, basta têmos um pouco de conhecimento de sinônimos.

Em primeiro lugar, devemos procurar uma palavra que seja formada de duas outras. Ex.: Cor e tina que darão, cortina.

Depois devemos procurar um sinônimo para as duas palavras formadoras de cortina, para a cor seria tonalidade e para tina seria barrica.

Com esses dois sinônimos, e o sinônimo de cortina, o conceito, formaremos uma frase que tenha sentido, como: "A tonalidade safu, ao lavarem na barrica o véu; e porremos o número de sílabas de cor e tina, na frente do problema, assim: 1-2 Tonalidade...

Gratos por qualquer contribuição dos inteligentes leitores.

Armando Luiz Gonzaga

CHARADAS NOVÍSSIMAS

Antes do sol não cante o galo de briga, só come farelo. 1-2.

Tua avó está aqui; como te chamas? e como que escreves? 1-2.

interjeição foi atirada no barril, no qual estava um hábito. 1-2.

O mate foi tirado com a metade de Popa, da placa. 1-1.

A tonalidade saiu ao lavarem na barrica o véu. 1-2.

Ele não estaria sozinho se tivesse tanto dinheiro na água-furtada. 1-1.

No combate com pezar pereceu o guerreiro. 2-1.

Armando Gonzaga, 2º Ginásial

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4
0		☒	☒	
1				
2				
3				
4	☒			☒
5	☒			☒
6	☒			☒

Verticais:

- 1) Está no coração.
- 2) Cofre público.
- 3) Pássaros do Brasil.
- 4) No princípio de uma carta.

Horizontais:

- 1) É de doces mas não é doce.
- 2) Discursar.
- 3) Não consigo dar um toche, porque?
- 4) Acha graça.
- 5) De Jacob: era 1ª esposa dele mas ficou sem ele.
- 6) Nominativo de boca; falta roer ainda este osso.

O COLEGIAL

Órgão dos alunos do Colégio Catarinense

Sob a responsabilidade da Diretoria do Estabelecimento.

Diretor:

CID GOMES

Gerente:

ALFREDO ZIMMER

Redação: Colégio Catarinense

Livagações...

Embora aquela árvore lá em cima do morro se balance à vontade e o tico-tico do vizinho cante despreocupado com os latidos da cadéla esfomeada e piolhenta, eu, que não estou em mim no momento, passeio à cavalo no universo. É um lindo corcéi de cor cerúlea. Tem ares de pinguim quando corre sobre o polo e mostra-se, soberbo quando eu penso cá com os meus botões: "Puxa, que cavalinho pra correr".

Uma parada brusca deixa-me perplexo. Será que o meu baio desmaiou? Não, ele está mexendo com o rabo. O que é que houve, então? Ah! descobri... Ele está vendo um avião que passa ao longe. Já não mais se avista o aparelho e, incontinenti, reiniciamos a galopear. Um som sinistro abafa o clima ameno e agradável. Aos poucos vou distinguindo notas musicais em harmonia e... que surpresa!

Aparece um cara tocando o tico-tico no fubá — Que é que há com o ilustre amigo, pergunto-lhe?

— Nada, colega, estou dando um giro por estas bandas.

— Mas, você, não mora por aqui? — replique-lhe?

— Que nada! Eu vim ver se encontrava algum bicheiro aberto, pois, hoje, tive um sonho no qual se me deparou o bicho que vae dar.

— Ora! Você acredita em sonhar?

Acho melhor guardar o dinheiro e comprar uma pasta de dente.

Vejo que você não escova os dentes.

— E que é que você tem com isso?

— Bom, só estou lhe dando conselhos, mas, já, que a sua atitude não é nada cavalheiresca... até logo.

E disparamos. Passamos por um cometa, aliás, não sei bem se foi o cometa que passou por nós.

Eis que bate o sono no cavalo. Não fui prevenido. Devia dar-lhe umas pílulas contra o sono. Que devo fazer? Acordá-lo seria indelicadeza. Esperar até acordar era muito para ele. Mas, quem tem idéias geniais, sempre vence. Apeei e saí andando devagarzinho. Assobiei o sambinha "É com esse que eu vou", mas, de súbito, encontro o sujeito de antes. Vem correndo, com imensa alegria e diz estupefacto: Ganhei no bicho. Deu a cabra com 524.

Acordei e fui jogar no bicho.

Cornélio

TEMPESTADE DENTRO DE UM COPO D'ÁGUA

... um leve torpor, lentamente tomou conta de mim; minhas pernas se esvaíram, até que caí em profundo desmaio.

Entretanto, coisa interessante! A esar de me se-ir completamente aliado, meus nervos sensíveis continuavam em ação, de modo que ouvia e percebia distintamente o que se passava em torno de mim. Estaria em sono letárgico? Só este pensamento me enchia de terror. Bem depressa me convenci desta dura realidade: a es alguns momentos, encontraram-se extenuado sobre uma poltrona. Minutos após, aquela casa antes tão séssegada rebelou-se internamente. Veiu o médico, examinou-me e coexaminou-me, declarando por fim que eu morrera de uma síncope cardíaca. Após estas palavras, meu interlocutor se virou para mim e ainda um tanto agitado, continuou:

"Imagina meu desespero ao ver declarar-se minha sentença de morte e de um modo tão irrevogável! Fiz esforços sobre-humanos para voltar à realidade, porém meus nervos motores se obstinaram em permanecer inertes. Passou-se um dia; choros e lamentos ecoavam por toda a sala; em seguida encaixotaram-me e... toca para o cemitério; desceram-me ao fundo e ouvi os primeiros baques de terra.

Para que. Meus nervos pareciam estourar. Isto eu não aguento! Num surtoso esforço, argüime de chofre, sentindo então uma forte pancada na cabeça. Atemorizado e aturdido olhei ao meu redor; pouco a pouco se me aclararam as idéias, para que eu constataste a feliz realidade: é que eu jazia deitado debaixo da cama!!! De que jeito aqui vim parar, senhor? Não o sab'a explicar, mas, levando instintivamente a mão à testa, apalpei um enorme galo", como que a "cocoricar" um fundo histórico para aquele sonho tão trágico".

Ditas estas palavras, meu colega se calou. Eu, como também já tinha rido que choro silenciosamente por certo tempo. E continuamos nosso passeio ao morro da Cruz.

J. M., 4ª série A

ORQUESTRA DO COLÉGIO

Após vários anos de esquecimento dos instrumentos de música, um grupo de alunos se reuniu para formar a Orquestra do Colégio Catarinense. Já no fim do ano letivo de 1947 os três violinistas Werner Scheidenmantel, Hélio Rosa e Ivan Schmit acompanhados ao piano pelo P. Marocco, executaram a Marcha Guerreira dos Sacerdotes" de Mendelssohn e a Melodia de Rubinstein, no encerramento do curso ginásial.

Neste ano, a orquestra tomou novo impulso enriquecida pelos

CUPIDO NA INDIA

E

A FORMOSA INDIANA

Romance: Aventura! Tragédia!

Trases de duas famílias de imigrantes na Índia!

Cenário deslumbrante e costumes da Índia misteriosa!

Com o 2º volume do romance será publicado interessante concurso intelectual que versará sobre o assunto do 1º e do 2º volume.

Guardem o talão numerado do 1º volume, para tomar parte no concurso.



"Primeiras férias", depois do exame de Admissão

O FUTEBOL PELAS LIGAS

Uma das tradições do Colégio Catarinense é o esporte. Para o ano de 1948 os alunos deste estabelecimento de ensino querem manter bem intacta essa página esportiva do passado.

Como início das atividades esportivas, realizou-se a 19 de Março, por ocasião do 42º aniversário de fundação do Ginásio o torneio início deste ano. Conquistaram os louros da vitória, entre os dez clubes, os seguintes:

San Diego — na Liga Grande.

Vasco — na Liga média.

Universal — na Liguinha.

Nessa ocasião foram estreitadas as novas bolas com que a diretoria do Colégio presenteou o externo.

Atualmente prosseguem os jogos do campeonato nas diversas ligas para disputarem os respectivos jogos de medalhas.

Mas não é sem lutas que se organizam os quadros principalmente na liga média. O nosso craque Zequinha, profissional consumado, arranjou um time de "arromba", intimidando até o "grande" Madalena, inquebrantável, capitão do "Vasco". Que fazer? Após muita discussão o temível Zequinha entregou as fixas e o seu quadro, transformado, apareceu com o nome de Huracan. Dessa maneira os três quadros da liga média ficaram mais parelhos, o que tem proporcionado jogos vivos e disputadíssimos.

Na liguinha reina grande animação rebando frequentemente pelo galpão os gritos de vitória após a conquista de um novo tento. Pelos prognósticos de até agora, tem-se a impressão de que o campeonato de futebol de 1948 trará aos alunos do Colégio Catarinense horas de alegre e sadio divertimento.

Os times existentes são os seguintes:

Na liga grande

ERRANTE: Ciro, Vaz, Getúlio, Tuca, Julio, Dobbes.

Punto, Barata e Cuca.

SAN DIEGO: Gaio, Miguel, Azambuja, Rihil, Roberge, Hamilton, João Maria, Mauro, Renato, Murilo, Paulinho.

Na liga média

HURACAN: Zeca, Poli, Horst, Miguel, Hélio, Afonso, Barbato, Joel, Erasmo, Schaefer, Nilton.

VASCO: Emílio, Hamilton, Deodoro, Roberto, João Borba, Joaquim, Alfredo, Ony, Hélcio, Juarez, Madalena.

BARRIGA VERDE: Salim, Fausti, Nelson, Dalton, Calil, Luiz, Zé, Joé, Pedrinho, Valeu, Edgar.

Liguinha

UNIVERSAL: Bride, Fausto, Clovis, Calado, Léo, Paulinho, Ro-

naldo, Fernando, Leonidas, Bocknha, Torrado.

CORINTIANS: Guido, Ferrari, Amilton, Maneca, Adércio, Gringo, Savas, Marcio, João, Hugo, Aldo.

FLUMINENSE: Grillo, Ademair, Fernando, Cecilio, Paulo, Agustine, Gevaervi, Jorge, Paulinho, Jair, Roberto.

ATLÉTICO: Orival, Paulo, Beck, Grillo, Sandis, Wilson, Richard, Luiz, Santogo, Edson, Nadinho.

S. PAULO: Nazareno Amin, José Alberto, Francisco, José Salum, João Carlos, Murillo, José, Benito.

O cronista

A. D. COLEGIAL

Em vista do estabelecimento do profissionalismo no futebol catarinense, não pôde aparecer neste ano o valoroso esquadra dos "meninos de ouro" do "Colegial". Porém, com isso não arrefeceu o animo de nossos "players". Formam-se três fortes times com o pessoal do II e III científico, do I e dos cursos ginásiais. O I científico conta com elementos preciosos como Paulinho, Renato, Osni, Mário, Mauro, Cld Porto, Evaldo, Hélio Rosa, Dobbes, Madalena e outros.

O Iº e IIIº científico com Gil, Tonoli, Colago, Severiano, Huri e outros.

Brognoil, o inegualável arqueiro do "Colegial", defenderá no time do Ginásio os pelotões de Gil, Paulinho e Renato.

Desenvolvendo um campeonato interno, tem-se a convicção de que o nosso campo vibrará horas de intensa torcida por parte de todos os alunos. Se for possível, pretendem-se também realizar jogos com os demais colégios do Estado.

Dessa maneira, não morrerá o esporte nas veias dos alunos do Colégio Catarinense, mas se desenvolverá mais e mais com os valiosos elementos que integram as fileiras deste estabelecimento de ensino.

DEFINIÇÕES DUVIDOSAS

Bússola: "É uma caixinha de madeira com os quatro pontos cardiais".

Outra: "A bússola no tempo antigo, era uma lata cheia de óleo, com uma rolha dentro, e botavam em cima um pedaço de pau".

Recolhidas do II C, de uma sabatina.

Como encontramos o sujeito da frase e a que corresponde?

"Encontramos o sujeito da frase na gramática e corre no Ludus".

Quem era Cristóvão Colombo? "Cristóvão Colombo era escrivão de Portugal".

Outra resposta: "Cristóvão Colombo era Pedro Valz de Caminha".

Futuro do verbo audire: R. "Audiabo". (Ao diabo).



Um futuro "ex-aluno"

alunos Mário Damião exímio contrabalista, Friedrich Blaschke, Francisco Grillo, Martinho Bonetti e Roberto Cúneo, todos violinistas e Armenio Wendhausen com sua Harmônica. No início do ano escolar de 1948 foi possível executar a "Reverie" de Schumann e "Contos dos Bosques de Viena" de Strauss de modo a agradar a todos. Para o futuro ingressarão nesse conjunto novos instrumentos até atingirmos o ideal que temos em vista para abrilhantar as nossas festas.

Mel Odioso

E' fácil e rápida a aprendizagem da leitura!

Indique aos analfabetos, que conheça, uma das classes de ensino supletivo.

GUERRA DOS FARRAPOS EM SANTA CATARINA

Tentativa de revolta em Laguna — 1836 — Pela Guarda Nacional

Enquanto as forças revolucionárias avançavam em direção a S. Catarina, via Lajes, o governo do Estado tomava as devidas providências, afim de receber os revolucionários, sem temor. O governador, sr. J. M. de Albuquerque Cavalcanti, fez uma proclamação a Guarda Nacional e ao povo em geral, como um preparado de defesa, pois é sabido que levar os homens a uma luta, é necessário concitá-los a lutar por um ideal ou causa comum, e não excitar o espírito aventureiro, mostrando a eles as glórias possíveis que advirão de seus esforços e sacrifícios, em prol da causa comum.

Damos abaixo a íntegra desta proclamação:

“FEVEREIRO — 1836: Proclamação! “Briosos Guardas Nacionais, — Autorisado pelo Regente, em nome do Imperador o Senhor D. Pedro I, acabo de chamar entre vós, em virtudes da Lei, um destacamento, que há de ser composto daqueles que a mesma Lei designa para defender, a Liberdade Independência, Integridade do Império: manter obediência às Leis; conservar ou restabelecer a ordem, e a tranquilidade pública; e auxiliar o Exército de Linha na defesa das Fronteiras, e Costas, são os deveres que nos impôs a Lei da nossa criação, são os Santos fins da salutar Instituição da Guarda Nacional. Para alcançardes estes, para cumprirdes aqueles é que vos chamo. Ainda mais. Da vossa obediência a este chamamento, dos vossos esforços e cooperação depende a segurança desta província e a conservação da tranquilidade, de que felizmente goza. Honrados paes de família! Apontei a vossos filhos o caminho da honra; em breve eles voltarão a seus lares dignos de vossas bênçãos, benemeritos da Pátria, braço e orgulho de seus pais, Veteranos do Exército! Anciãos de todas as classes! Infundi na nossa brilhante mocidade as virtudes que tendes praticado e o nobre desejo de imitar-vos. Aprenda ela de vós que para defender o que há de mais sagrado para o homem social — o Império da Lei, é que a Pátria ora a chama. Viva a **CONSTITUIÇÃO REFORMADA!** Viva o Imperador o Senhor D. Pedro II! Viva o Regente do Império! Viva a Guarda Nacional do Brasil! — José Mariano de Albuquerque Cavalcanti”.

Logo após este documento, foi publicado um edital, dizendo que era necessário marchar para o Rio Grande do Sul, um destacamento da Guarda Nacional (Cf. proclamação de Cavalcanti), em vista seriam todos os cidadãos, obrigados a se apresentarem no prazo de oito dias, “findo os quais seriam alistados na forma da Lei, coagidos os que se esquivassem de tal dever. “Esse edital juntamente com a Proclamação, foram afixados em Laguna, por ordem do Governador, pelo Juiz de Paz, Ten. Cel. Francisco da Silva França, no dia 12 de março de 1836.

Ora neste mesmo dia recebeu o ten. Cel. Lisboa, comandante do 2º Corpo de tropas, ordens para preparar o dito Corpo, sob seu comando, e a primeira voz, marchar para o Sul, ao encontro dos revolucionários. Os oficiais deste Corpo, no entanto, julgavam tal medida como uma loucura, uma vez que o Corpo só possuía 81 praças prontas, e deliberaram os mesmos oficiais que marchariam somente quando tivessem forças suficientes para garantir seu avanço, pois



Aspecto do Churrasco dos “Antigos”

com tal força nada podiam contra os revolucionários que vinham aos milhares. Este comentário chegou aos ouvidos do comandante por intermédio de várias pessoas, entre as quais o Major Patricio Antônio de Sepulveda Ewerard, fiscal do Corpo, que o previniu de tudo.

O comandante Lisboa tão logo soube destas coisas, foi ao quartel, e mandou tocar o reunir para o Corpo, ordenando então que marchassem ao Campo de Magalhães (Bairro situado na Barra de Laguna) e juntarem-se ali com o destacamento do Capitão Antônio Manuel de Garfias Rozado. Neste local perfilou toda a Corporação, e fez uma alocução a eles fazendo-lhes ver, que os deveres para com a Pátria devem ser cumpridos, embora não saibamos muitas vezes porque, e ao mesmo tempo anuncia de que já havia dada as ordens necessárias afim do Corpo marchar, para o Rio Grande do Sul.

Aproveitando a ocasião que se apresentava, exigiu de todos oficiais, uma declaração verbal, de como julgavam a situação, e um por um declararam que seria uma loucura, mas de bom grado marchariam desde que obtivessem força necessária que os garantissem e pediam que “exigisse do Presidente da Província, o reforço cabível ao contrário seria sacrificá-los inutilmente”.

A recusa e imposição dos oficiais, fizeram com que o comandante cedesse, pois não possuía energia precisa para reagir a altura que a situação desejava.

Para evitar disturbios, recolheu o Corpo ao quartel. No dia seguinte, tendo que dar parte do ocorrido ao governo da Província e desejando fazê-lo com a máxima exactidão, mandou que a fizesse o fiscal do Corpo, que estava bem ao par do que se passara. Sepulveda narrou-lhe tudo que ouvira e soubera, e o relatório foi entregue ao Comandante Lisboa, e foi sob a coação de todo o Corpo que Lisboa oficiou ao Presidente da Província, pedindo que “refletisse sobre as ordens que tivesse a dar-lhe, em vista dos acontecimentos” e assim que recebesse ordem para marchar, reuniria o conselho dos oficiais e enviaria mesmo um ou dois oficiais a sua presença” para que pessoalmente manifestassem o motivo das suas representações”.

Logo após este evento, espalhou-se na vila de Laguna, boatos alarmantes de que preparava-se um plano de sublevação, tendo por fim a deposição do comandante, do coletor das Rendas Nacionais, João Francisco da Silva França, e o assassinio do irmão deste, o Juiz de Direito, Francisco da Silva

França.

Este boato causou verdadeiro pavor, pois devemos considerar que era neste tempo Laguna, uma vila e que até então vivera na mais completa Paz, sem qualquer perturbação da ordem pública. Os chefes de famílias de trato levaram os seus para os arrabaldes da vila, colocando-os assim fora de qualquer eventualidade. Em tal situação das coisas, o Juiz de Paz vai a casa de Lisboa, para pedir-lhe garantias tanto pessoais como coletiva, e se o Corpo estava deveras apto para conter os possíveis acontecimentos que tal situação revia mas o comandante expôs a sua posição em relação ao Corpo e que nada poderia fazer, pois “achava-se coacto pela insubordinação do Corpo”.

Naquela mesma noite um indivíduo chamado João Thomas de Oliveira entra pelas 10 horas, na casa do Juiz de Paz, declarando-se partidário de Bento Gonçalves, Pai dos Pobres”, e com palavras um pouco obscenas, insulta-o chamando-o de ladrão e amigo de Bento Manoel.

Vendo-se ameaçado, o Juiz de Paz passa a vara ao suplente, João Antônio de Oliveira Tavares, e fugiu para o Desterro no dia 17, chegando aqui no dia 20. No dia seguinte a sua chegada, “oficiou ao Presidente da Província, relatando todas essas ocorrências”. O Presidente, tomou ciência do fato, e reuniu seu conselho para darem uma solução ao caso que poderia tornar-se grave. O conselho deliberou que fossem presos os culpados de qualquer tentativa de revolução e ao mesmo tempo ordenava que o 2º Corpo fosse removido para a Capital, afim de juntarem-se ao Regimento que seguiria para o Sul.

E dias depois eram executadas estas ordens, ficando o 2º Corpo acampado na frente do Desterro, do outro lado.

E a revolta teria rebentado, se o governo não tivesse interferido no caso, sendo que os culpados foram presos e dentre eles estavam o Major Sepulveda Ewerard, o Sgto. Luiz Marques (que tentou matar o Cnte. Lisboa) e mais dois Tenentes e 6 soldados, os quais foram conduzidos ao Desterro, com o 2º Corpo.

Meses depois, foi o 2º Corpo, enviado para a fronteira, com outras tropas, terminando assim esta tentativa de revolta de que tão pouco nos fala a história catarinense.

Cid Gomes

Fontes históricas: Documentos da coleção Henrique Boiteux, Crônica da Guerra dos Farrapos — pelo Capitão Tobias Becker — na Revista Catarinense — LAGUNA.

CARNAVAL NA PRAIA

“Um dois, feijão com arroz, três quatro...” — e assim iam os 18 alunos do Colégio Catarinense, caminhando lado a lado, cada qual com sua bagagem, através das areias e pardacentas dunas que se localizam entre a Lagoa e o Mar Grosso.

Vamos dar início a um passeio de dois dias. Dormir à beira mar, num rancho coberto de sapé, ao estrondo constante das bravias ondas do Atlântico. Mas o tempo ameaçador não prognosticava bom sucesso. Por isso, ao chegarmos no local do acampamento, tratamos logo de assegurar nossas provisões e nossa pele contra o vento sul que trazia um chuvisqueiro mesquinho. Puxa macega! arrastava touceiras de capim seco — tudo para tapar as “portas” do rancho. E em breve o nosso confortável “palácio” abrigava folgadoamente todos os excursionistas.

Para reanimar o corpo e o espírito, o P. Prefeito distribuiu uma espécie de “capilé” que, primeiro queima a garganta e depois eleva por vários graus a temperatura dos miolos. Seguiu-se um banho salgado.

O mais “caldeado” foi o meu irmão.

Mas, pudera não, quem manda éle “enticar” com todo o mundo... Depois de penteados — o P. Prefeito encontrou uma turma de “Adões”, entre os quais o veterano Ademi, de quem tinham sido escondidos os trajes — depois disso, o P. Antônio nos ofereceu uma succulenta paçoca de arroz queimado, misturado, com os pombos do Augusto Wolf.

E a chuva? Em nada nos prejudicou. Jogamos futebol, passeamos pelos rochedos a ouvir o estouro das ondas nas fendas de pedras colossais. De tardinha, uma turma foi à vila comprar “gasolina”, pois o frio não era pouco e a nossa provisão de combustível para a carcassa humana se exgotara.

Voltaram já bem noitinha, guiados pelos fochos de fogo que atiramos ao alto para nortear os “errados”.

E como passamos a noite? Dormindo como príncipes, mas... só depois de uma nova espécie de catilinárias do P. Maroco que, ao que parece viu entrar algum “cachorro” e atirar areia nos “anjinhos” que esperavam o sono em “silêncio”.

No dia seguinte, bem cedo, um apito agudo nos acordou — que bonito é o mar, bem de manhã, quando o sol vai saindo de dentro da massa do Atlântico! Café.

A travessia das dunas! Missa na Igreja da Lagoa; mas, só depois de muita discussão com o tesoureiro e o presidente da Irmandade, pois como queriam inaugurar a nova pintura com uma missa presidida pelo sr. Arcebispo, disseram que não “prestava” rezar missa antes da inauguração. Enfim, chegou-se a uma solução. A missa seria rezada na sacristia, e a zeladora se prontificou a preparar os “aparelhos” para o sacerdote e a colocar um bonito “Crucifixo” no altar improvisado.

Depois voltamos. Comemos melância, e no rancho o P. Antônio nos serviu uma “gostosa” feijoada com costeletas de porco, xarque, pimentões etc. etc. — Nunca mais me esqueci daquele prato!

Banhos, jogos, e... volta. Findou mais um passeio. O caminhão do Colégio veio buscar-nos à rotineira vida de nossa cidade, onde entramos cantando: “Deus salve a América”, “Eu confio”, “Não há Ó Gente”, “Do mar no Fundo...”